

A MEDITAÇÃO INACIANA: “pensar com o coração”

É um “modo de orar” que ativa a **memória**, a **inteligência** e a **vontade** para aprofundar e assimilar um dado da fé, com vistas a torná-lo vida em nossa vida.

S. Inácio apresenta um “modo de orar” sustentado pelas **faculdades** a partir de uma matéria proposta, cujo conteúdo deverá ser explorado, assimilado e aplicado de modo pessoal.

Ele usa o termo **meditação** para destacar o caráter mais *discursivo* do exercício, o que não impede que aconteçam “*pausas*”, mais ou menos prolongadas sobre um ou outro aspecto que afete ou alimente mais.

O próprio S. Inácio prevê que este “modo de orar” vai se simplificando, se unificando e se aprofundando à medida que se vai caminhando na oração.

Modo de proceder

* **Esmerar-se** na preparação para a oração (posição corporal, silêncio interior, presença diante de Deus...)

* **Dividir** o tema da meditação em dois ou três pontos. Em cada um deles:

- ativar minha **memória** ao ponto escolhido;
- mobilizar minha **inteligência**;
- mover meu **coração**, minha **vontade**.

* **Terminar** cada ponto ou tempo de oração falando ao Senhor o que a meditação despertou (“colóquio”).

1. “Traer la memoria sobre...” - ativar minha memória: é o primeiro olhar do espírito sobre o **mistério**. É, portanto, um **olhar** orante, respeitoso.

Uma simples vista das coisas, uma recordação, acolhida e abertura a esta história, a este ponto, a tudo isto que Deus me apresenta e que vai usar como instrumento para se revelar. **Recordar** cada uma das partes do assunto a meditar sem se preocupar com pormenores, para fornecer à oração um aprofundamento histórico.

Quê evoca em mim este ponto? A quê aspecto de minha história este ponto faz alusão?

Deixar que aflorem as **imagens**. Deixar que ressoe todo o alcance **da história**, trazer à memória os fatos, a **realidade** que conheço, **recordando** o que a Escritura diz sobre isso, ou o que conheço pela minha própria história (*afetiva, corporal*), em todo ser humano, na Igreja...

2. “Traer el entendimiento discurriendo...” - mobilizar o entendimento: este se ocupa em **detalhar** o que a memória percorreu. Ela o fará de maneira orante, não como fria reflexão.

Quê é que entendo? Quê consequências se derivam deste ponto?

Refletir... Quando a memória evoca minha **história** e a **realidade**, a **inteligência** se põe em movimento para compreender melhor as *ressonâncias*, as *implicações*, as *dimensões do mistério*.

Recorrer à capacidade de *comparar*, de *raciocinar*, de *assinalar* as contradições ou as questões que este ponto estabelece em minha vida,...

Assimilar, tornar pessoais os pensamentos que nascem (*quem? o quê? para quê? porquê? como?*) de modo que o meu interior fique **convencido** e **iluminado**.

Confrontar a verdade meditada com a minha conduta e desse confronto, tirar a base das resoluções.

3. Mover meu coração, minha vontade: deixando-me *afetar, implicar*. **À raiz desta meditação que deveria fazer ou dizer ao Senhor?**

Influenciada pela **inteligência** que a penetra, iluminando-a com compreensões íntimas do mistério, a **vontade** desabrocha em **amor**, intimidade, plenitude do coração.

Ativar minha **memória**, sacudir minha **inteligência** em relação a este ponto e agora chega o momento de “**tocar o coração**”. Não se trata de fazer malabarismos com um artigo de fé, senão de **seguir** o Senhor mais de perto, sem tirar da fé suas dimensões interiores que são a **memória** e a **inteligência**.

Já que o coração não se deixa levar por emoções sensíveis, a **vontade** entrará em jogo.

No **coração** se concentra tudo o que sou, em minha capacidade para **decidir-me por Deus**. Movido pelo que recordei e compreendi, **re-oriento-me**, comprometo minha **liberdade**, por fidelidade ao Amor.

Isto é possível:

- “**espontaneamente**”: da meditação brota *amor, agradecimento* ou outros sentimentos e o digo ao Senhor de coração a coração;
- ou pela **vontade**: (desejos de desejos) de uma *conversão* mais radical, de uma *decisão* sobre um ponto concreto, de um renovar minha fidelidade, ainda que não a sinta ainda. Esta forma mais “**voluntária**” de seguir o Senhor mais de perto é tão verdadeira e proveitosa quanto a primeira.

Deixar que os **afetos**, provocados pelo exercício da *memória* e da *inteligência* se expandam.

Esta *expansão* é que constitui a verdadeira **oração** (“*sair do próprio amor, querer e interesse*” – “*descentrar-se*”, “*deixar-se conduzir*”...)

- Neste momento a **inteligência** deve parar, suspender sua atividade porque atingiu o seu fim.
- Este movimento dos **afetos** pode acontecer durante toda a meditação, embora tenha este espaço onde deve ganhar em profundidade e extensão.
- Enquanto a **vontade** encontra alimento em um sentimento, imagem..., ficar aí até que se sinta satisfeita.
- A **inteligência** só deve voltar a funcionar quando os atos da **vontade** começarem a se extinguir.

A etapa da **vontade** une o *coração* à *razão*, a dimensão *afetiva* à dimensão *racional*. É esta etapa da **vontade** que dá sentido às duas etapas anteriores. Já no “*traer la memoria*” e na mobilização do *entendimento*, a pessoa deve ter presente que é na **afetividade** que essa “*experiência*” deve desembocar.

É esta **afetividade** que dá à meditação o caráter de “*exercício*” segundo a concepção de S. Inácio: um percurso espiritual que tem consequências na vida.

Do saber ao sabor, do sabor ao sentir, do sentir ao decidir.

É a linha profunda da meditação inaciana.

No exercício das faculdades cabe à **vontade** e seus afetos o lugar mais importante.

É ela que orienta a oração para o fruto que se quer alcançar.

Conseguindo isto, S. Inácio recomenda uma grande liberdade. Ele mesmo, se recusa a direcionar.

O **Espírito Santo**, que assume a direção da oração, é quem lhe vai dar o rumo, cabendo ao exercitante, entregar-se à sua ação, aberto e dócil às suas “*moções*”. “*No ponto da meditação em que achar o que quero, ali me repousarei, sem ter ânsia de passar adiante, até que me satisfaça*”. (EE. 76).

Atenção!!!

A meditação não pode ser cortada em fatias: “*memória, inteligência, coração, vontade*”.

Falando das **três potências** em separado, S. Inácio não pretende estabelecer uma divisão interior na pessoa; trata-se, simplesmente, de uma divisão pedagógica.

Logo, a meditação não deve ser concebida de maneira rígida, compartimentada, mecânica:

1° ativar a **memória**; 2° mobilizar a **inteligência**; 3° mover a **vontade**; colóquio e resolução.

Caso esta “*compartimentação*” aconteça, ela não é oração inaciana.

Cada um procure que sua meditação não fique em meras recordações (no passado) ou somente em reflexões piedosas, como tampouco em mera afetividade.

O **mistério** e a **ação** de Deus afetam nosso ser em sua **totalidade**.

Diante da Palavra de Deus, recebida e saboreada, quem responde e se compromete, através de uma resposta ao Senhor (*colóquio*), é cada exercitante, na unidade de todo o seu ser.

Os Exercícios Espirituais pretendem provocar, no coração de quem os faz, uma profunda **remodelação afetiva**. Mediante ela, trata-se de retirar toda uma série de **cargas afetivas** vinculadas a objetos anteriormente investidos afetivamente, para passar, em um segundo momento, a iniciar (buscar) um processo de novo investimento afetivo e encontrar assim um novo objeto de amor (a Vontade de Deus).

Assim, a metodologia dos Exercícios pode ser concebida como um conjunto de procedimentos cujo objetivo é potencializar, o máximo possível, a **afetividade** do exercitante.

Uma vez que o primeiro objetivo dos Exercícios consiste na “*ordenação afetiva*” do exercitante, a sua metodologia deve, necessariamente, atingir essa mesma **afetividade**: “*É necessário entrar de cheio nas profundezas afetivas da pessoa...*” (Dominguez Morano).

Nesse sentido, a meditação, a contemplação, a repetição, a aplicação de sentidos... são modos de orar que tem o poder de tocar as camadas mais primitivas do psiquismo humano. Por esse motivo, tais modos de orar se revelam capazes de potencializar os níveis mais profundos da afetividade do exercitante.

Para conseguir a “reordenação afetiva” visada pelos Exercícios, não se trata de consumir muita informação, mas de marcar o **afeto** o máximo possível.

É, pois, necessário insistir em que a **afetividade** não é nunca considerada por Inácio como algo negativo a abolir ou desprezar. Não se trata de eliminar o **afeto** para desembocar num racionalismo frio.

Pode-se dizer que o **afetivo** se constitui como um terreno essencial onde se desenvolve os processos essenciais dos Exercícios. Trata-se de realizar uma **reconversão afetiva** mediante a instauração de um novo objeto de amor: **Jesus** e seu **Reino**.

Daí essa prevalência dos níveis da afetividade que se busca pôr em movimento, desde os primeiros momentos, já que *“não é o muito saber que sacia e satisfaz o interior, mas o sentir e saborear as coisas internamente”* (EE. 2).

Em definitiva, Inácio propõe um caminho espiritual profundamente enraizado na estrutura humana do **desejo**. Todos os meios, recursos, petições, propostas, etc, apresentados ao exercitante estão encaminhados a fazer que, aquilo que Inácio considerou como fim último da existência humana, chegue, realmente, a converter-se no objeto do desejo do mesmo exercitante.

Neste sentido, poderíamos definir o processo dos Exercícios como uma proposta psico-pedagógica para a educação do **desejo**. Porque é através dele, como impulso que provoca a saída da pessoa para a união, o modo no qual o amor poderá mobilizar a memória, a imaginação, o entendimento e a vontade para que cumpram as funções fundamentais que lhes são designadas dentro do processo espiritual.

Exercícios Espirituais: “*scuela del afecto*”

*“Convirá que aqueles que foram enviados aos estudos, uma vez acabada a preocupação e empenho de cultivar a **inteligência**, no tempo da última provação, insistam na **escola do afeto**”* (Const. n. 516)

Ao lado da *“scuela del entendimiento”*, para a formação humanista e filosófica-teológica, S. Inácio coloca em evidência, como sua necessária integração, a *“scuela del afecto”*, para a educação do coração e a “refinamento” dos sentimentos. Os primeiros jesuítas eram considerados *“magistri in affectu”*, mestres em vida afetiva.

O ser humano não é somente intelecto nem frio raciocínio; não age somente para ser rígido observador dos deveres e em razão dos imperativos morais. É também capaz de *sentir* e de *vibrar*, percebe a exigência de amar e de ser amado, alimenta afetos e cultiva sentimentos.

O ser humano é também vontade livre e existencialmente tende para o bem e para o belo, possui um coração e se alimenta de **afetos**, tem desejos e se lança adiante, com impulsos de amor, apaixona-se, possui sensibilidade e emoções, e se comove. É o **afeto** que, animando as energias que ele têm e que constituem o patrimônio de que dispõe, evolui até tornar-se **paixão**.

Os grandes homens e mulheres, os grandes santos e santas tornaram-se tais, sobretudo, pela força afetiva da qual dispunham: foram homens e mulheres de grandes **paixões**.

As paixões que “experimentaram” são necessárias à vida, porque, na própria existência, ninguém pode absolutamente viver sem elas.

Na verdade, os verbos *“satisfazer, saciar, provar e afeiçoar-se...”*, com os substantivos *“sentimentos, afetos, gosto...”*, marcam, de uma extremidade à outra, o processo dos Exercícios de Inácio de Loyola. Quem os faz deve procurar encontrar *“sentimento e gosto, satisfação e alegria”*, deve estar atento em evocar os *“valores afetivos”*, rezar com *“muito afeto”*, retornando aos pensamentos que favoreceram a “consolação” e a proceder de modo a permanecer *“satisfeito”*.

Sem emoções, sem comoção, sem sentimentos, sem entusiasmo, sem paixões, em suma, sem **afetividade espiritual**, quê vida seria a nossa?

No processo dos Exercícios, a **afetividade** não possui um papel secundário. A espiritualidade inaciana, centrada na pessoa, visa envolvê-la em todas as suas dimensões, promove distensão, paz e alegria, propõe um caminho de plena humanização, forma para a abertura aos outros e para a doação por amor, impele, em suma, a criar as condições para que a pessoa atinja a maturidade e se realize.

“Quem pode viver sem afetos?”

*Pensais, vós, irmãos, que aqueles que temem a Deus, honram a Deus, amam a Deus não tem **afetos**?*

Pensais, de fato, ou ousareis pensar que a mesa, o teatro, a caça aos animais selvagens e às aves, a pesca oferecem prazer e as obras de Deus não?

*O pensamento de Deus não produziria **afetos interiores** quando se olha o mundo e se tem diante dos olhos o espetáculo da natureza? Quando nele se busca quem a fez e Ele é encontrado, sem nenhum desagrado, mas, ao contrário, com um prazer que não tem igual..*

*Ou não será, acaso, que os **sentidos** do corpo possuem seus prazeres e a alma não deveria tê-los?*

Dê-me alguém que ame, e ele entenderá o que estou dizendo.

Dê-me alguém que arda de desejo, um que tenha fome, que se sinta peregrino e sedento neste deserto, alguém que suspire pela fonte da pátria eterna, dê-me alguém que sinta dentro de si tudo isso, e ele entenderá a minha afirmação.

Se, todavia, falo a um coração frio e insensível, não poderá entender aquilo que digo” (S. Agostinho)